

Tempo & Argumento

e-issn 2175-1803

Por uma história do associativismo torcedor nos anos 1970: dinâmicas de rivalidade, amizade e emulação na formação da ATOESP – Associação das Torcidas Organizadas do Estado de São Paulo


 **Bernardo Borges Buarque de Hollanda**

Doutor em História Social da Cultura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Professor-adjunto da Escola de Ciências Sociais, da Fundação Getúlio Vargas (FGV/CPDOC).

Rio de Janeiro, RJ - BRASIL

lattes.cnpq.br/3452650546639419

bernardobuarque@gmail.com

 orcid.org/0000-0001-7781-4684


 **Vitor dos Santos Canale**

Doutorando em História, Política e Bens Culturais na Fundação Getúlio Vargas (FGV).

São Paulo, SP - BRASIL

lattes.cnpq.br/2659875016752373

vitorcanale@gmail.com

 orcid.org/0000-0003-4299-2696

Para citar este artigo:

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; CANALE, Vitor dos Santos. Por uma história do associativismo torcedor nos anos 1970: dinâmicas de rivalidade, amizade e emulação na formação da ATOESP – Associação das Torcidas Organizadas do Estado de São Paulo. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 13, n. 34, e0306, set./dez. 2021.

 <http://dx.doi.org/10.5965/2175180313342021e0306>

Recebido: 29/08/2020

Aprovado: 30/05/2021



Por uma história do associativismo torcedor nos anos 1970: dinâmicas de rivalidade, amizade e emulação na formação da ATOESP – Associação das Torcidas Organizadas do Estado de São Paulo
Bernardo Borges Buarque de Hollanda, Vitor dos Santos Canale

Por uma história do associativismo torcedor nos anos 1970: dinâmicas de rivalidade, amizade e emulação na formação da ATOESP – Associação das Torcidas Organizadas do Estado de São Paulo

Resumo

O artigo debruça-se sobre o surgimento e os primeiros anos de uma inédita associação de torcidas organizadas do estado de São Paulo, a ATOESP, cuja vigência se deu no decorrer da década de 1970. Com base em entrevistas, em fontes hauridas da imprensa da época e no referencial da historiografia marxista inglesa, notadamente da obra de E. P. Thompson, examinam-se as condições de existência para a criação dessa entidade que emergiu no conjunto do futebol profissional paulista naquele período histórico, em plena ditadura civil-militar brasileira. Mostra-se de que maneira, a despeito da visão de senso-comum acerca das rivalidades inter-torcidas, as lideranças dos agrupamentos reunidos na Associação cultivavam uma proximidade, um diálogo e até relações de amizade que tornaram possível a sua conformação. Neste sentido, destaca-se a vivência social que extrapolava os domínios futebolísticos e se irrigava na participação dos líderes e de seus grupos na sociabilidade dos blocos e das escolas de samba do carnaval paulistano. Em seguida, descreve-se e analisa-se a pauta reivindicativa que, na segunda metade dos anos 1970, ensejou a convocação pela ATOESP de boicotes e de atos contra medidas adotadas pela Federação Paulista de Futebol, no tocante ao calendário esportivo e ao aumento do preço dos ingressos. Por fim, na parte principal do artigo, focam-se tanto as rixas crescentes que acontecem na base dos torcedores organizados, a partir de 1976 – o que inclui o uso de armas brancas nas dependências dos estádios –, quanto a interação conflituosa das torcidas com a Polícia Militar (PM). Se há necessidade de articulação dos representantes dessas agremiações com a PM na logística e na organização das partidas, a escalada de incidentes entre torcedores e policiais no final daquele decênio, tais como reportados pelos meios de comunicação e rememorados por entrevistados, deu a tônica unificadora para as ações coletivas da ATOESP até o início dos anos 1980, quando a redemocratização da vida civil se coloca no horizonte político nacional.

Palavras-chave: história do futebol no Brasil; torcidas organizadas; jornalismo esportivo; associativismo torcedor; São Paulo; anos 1970.

For a history of fan associativism in the 1970s: the dynamics of rivalry, friendship and emulation in the formation of ATOESP – Association of Organized Fans of the State of São Paulo

Abstract

This article focuses on the emergence and the first years of an unprecedented association of organized fans in the state of São Paulo, ATOESP, which existed during the 1970s. From interviews, sources from the period's press and taking as the reference framework English Marxist historiography, notably, E. P. Thompson's works, the conditions for the existence of this entity are analyzed, one that emerged amid São Paulo's professional football set of that historical period, during the height of Brazil's civil-military dictatorship. It is shown how, despite the commonsense view about rivalries between supports, the leaders of the groupings gathered in the Association cultivated closeness, dialogue and even friendship relationships that made its conformation possible. The social experience that went beyond the domains of football is thus highlighted, since it fed from the participation of leaders and their groups in the sociability of São Paulo's carnival blocks and samba schools. Next, the agenda of claims is described and analyzed, which, in the second half of the 1970s, led to the call by ATOESP for boycotts and acts against measures adopted by the São Paulo Football Federation regarding the sports calendar and the increase in ticket prices. Finally, the main part of the article focuses on both the growing feuds between the base of organized fans from 1976 onwards—which includes the use of white arms in stadium facilities—and the conflicts between fans and the Military Police (PM). If there is a need to articulate the representatives of these associations with the PM in logistics and organization of matches, the escalation of incidents between fans and police officers at the end of that decade, as reported by the media and remembered by interviewees, gave the unifying tonic to the collective actions of ATOESP until the beginning of the 1980s, when the redemocratization of civil life is placed on the national political horizon.

Keywords: football history in Brazil; football organized fans; sports journalism; São Paulo state; 1970'.

Por uma história do associativismo torcedor nos anos 1970: dinâmicas de rivalidade, amizade e emulação na formação da ATOESP – Associação das Torcidas Organizadas do Estado de São Paulo
Bernardo Borges Buarque de Hollanda, Vitor dos Santos Canale

Introdução

A literatura acadêmica sobre ditadura militar brasileira (1964-1985) é vasta e atualizada (Quadrat, 2015; Reis, 2014; Fico, 2004). Se, desde os anos 1970, os brasilianistas já tinham começado a abordá-la (Skidmore, 1994), nas últimas décadas diversos pesquisadores e instituições têm envidado esforços no sentido de ampliar os marcos político-cronológicos. Procura-se mostrar uma série de aspectos sociais e culturais do cotidiano daquele período que, no mais das vezes, passam despercebidos das abordagens sobre os atores políticos e suas instituições. As ressignificações produzidas pela memória coletiva e as viradas revisionistas nas representações do período também têm sido matizadas e aprofundadas por autores como o historiador Marcos Napolitano (2015).

Embora encontrem-se bons e relevantes trabalhos sobre história social do período (Almeida, 1998), em sua maioria a bibliografia especializou-se na vertente da história política, alvo principal do interesse das pesquisas universitárias desde a redemocratização. Pode-se dizer que o mesmo vale para a subárea de estudos futebolísticos no Brasil, que aportou contribuições notáveis nesse sentido, a exemplo dos trabalhos de doutorado e pós-doutorado de Lívia Gonçalves Magalhães (2014), Euclides de Freitas Couto (2014) e Denaldo Alchorne de Souza (2018), para citar os mais recentes, publicados em livro.

Não obstante, a história social tem sido menos enfatizada quando se trata de pesquisas historiográficas sobre o papel do futebol durante o regime autoritário. Desde o trabalho seminal de Leonardo Pereira (2001), em sua história social da introdução do “footballmania” no Brasil, entre 1902 e 1938, a historiografia das diferentes fases da vida republicana brasileira tem avançado, inclusive no que diz respeito aos estudos do esporte. Entendemos, no entanto, que é possível contribuir com uma análise do fenômeno das torcidas organizadas nesse período ditatorial específico, nos anos 1960 e, notadamente, década de 1970. Para tanto, nossa proposta aqui é reconstituir momentos e episódios do associativismo torcedor que eclodiu e foi vivenciado no estado de São Paulo durante a década de 1970, em especial na capital paulista e em Campinas.

Os meios de que nos valem para alcançar este propósito foram as fontes jornalísticas, seja da grande imprensa – jornal *O Estado de São Paulo* e *Folha de*

Por uma história do associativismo torcedor nos anos 1970: dinâmicas de rivalidade, amizade e emulação na formação da ATOESP – Associação das Torcidas Organizadas do Estado de São Paulo
Bernardo Borges Buarque de Hollanda, Vitor dos Santos Canale

S. Paulo – seja da imprensa especializada, a exemplo da revista *Placar*. A escolha dos jornais citados se justifica por serem os veículos impressos de maior circulação no estado de São Paulo – e com impacto considerável no Brasil – durante o período estudado. Ademais, a circunstância de seus acervos estarem disponíveis para consulta virtual facilitou seu levantamento, já que o acesso presencial foi vedado durante a fase de pesquisa, em meio à pandemia do Covid-19¹.

Por sua vez, a utilização do semanário esportivo *Placar* se deve à sua abrangência nacional e, também, à sua grande tiragem e capilaridade no período, facilitada pelo sistema de distribuição do grupo Abril, proprietário da revista². Há de se frisar que, no início da década de 1970, *Placar* era o único semanário esportivo de circulação nacional³ (Malaia, 2012), tendo sido lançado meses antes do início da Copa do Mundo FIFA, no México, em 1970. O hebdomadário alcançou vendas semanais de meio milhão de exemplares durante o Mundial e se posicionou como uma revista nacional com notável influência na formação de uma opinião pública esportiva, com linha editorial crítica à classe dos dirigentes e entidades esportivas, responsável por pressionar as estruturas esportivas em favor do processo de modernização futebolística.

Entre seus editores nos anos 1970, figurou o jornalista e cientista social Juca Kfoury, que se notabilizaria por pautar reportagens críticas à boa parte dos “cartolas” de clubes, federações e confederações. Inspirada no que se tornaria conhecido como jornalismo investigativo, no início da década de 1980, em meio à reabertura política, a revista, por exemplo, lançou uma reportagem que teve grande repercussão no meio, ao denunciar o escândalo da “máfia da loteria esportiva”, reveladora da operação de uma rede de agentes mancomunados na produção de resultados esperados.

¹ Acervo do jornal *Folha de S. Paulo*: <https://acervo.folha.com.br>. Acessado em 15/04/2021.

Acervo do jornal *O Estado de S. Paulo*: <https://acervo.estadao.com.br>. Acessado em 15 de abril de 2021.

² Parte do acervo da revista *Placar* encontra-se disponível para consulta no portal Ludopédio: <https://www.ludopedio.com.br/biblioteca-categoria/revistas>. Acessado em 15/04/2021 e o restante do material utilizado pertence ao acervo pessoal dos autores.

³ O periódico *A Manchete Esportiva*, publicado pela Editora Bloch, esteve em circulação ao longo da década de 1950, porém encerrou as atividades em 1959.

Por uma história do associativismo torcedor nos anos 1970: dinâmicas de rivalidade, amizade e emulação na formação da ATOESP – Associação das Torcidas Organizadas do Estado de São Paulo
Bernardo Borges Buarque de Hollanda, Vitor dos Santos Canale

A metodologia de pesquisa adotada na análise de *Placar* foi a leitura seriada de todas as notícias que fizessem menção à atuação dos grupos organizados de torcedores, durante as décadas de 1970 e 1980. Tal esforço objetivou analisar o ciclo de relações e práticas entre os torcedores e desses com outros agentes do futebol no período: membros dos órgãos de segurança pública, dirigentes de clubes e federações esportivas, políticos e jornalistas.

A metodologia de pesquisa empregada nos periódicos *O Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo* teve auxílio das ferramentas de busca, dada a vastidão da massa documental. Foram analisadas todas as notícias que faziam menção às principais torcidas organizadas de Corinthians, Guarani, Palmeiras, Ponte Preta, Portuguesa, Santos e São Paulo, matérias que citavam o nome de presidentes ou lideranças das entidades, citações à ATOESP e dos termos “torcida organizada” e “torcida uniformizada”, utilizados como sinônimos durante as décadas de 1970 e 1980⁴. Sempre no intuito de entender o circuito de relações dos grêmios de torcedores e suas demandas.

O “Estadão” e a *Folha* são hoje jornais centenários e tradicionais da cidade de São Paulo. O primeiro fora fundado ainda no final do século XIX – 1870, mais precisamente, como *A Província de São Paulo* – enquanto o segundo periódico surge em 1911, época em que assistia a três edições ao longo do dia (*Folha da Manhã*, *Folha da Tarde* e *Folha da Noite*), até se unificar nos anos 1960, por meio de publicação diária. Ambos foram objeto de pesquisa por historiadores paulistanos em fins do decênio de 1970, a exemplo de Maria Helena Capelato, Maria Lygia Prado e Carlos Guilherme Mota (1980; 1981), trio de historiadores uspianos.

A utilização de tal método ancora-se nos chamados estudos da imprensa, tal como desenvolvido pela historiadora Tânia Regina de Luca (2005), que considera os periódicos, a um só tempo, fonte e objeto de investigação. A autora salienta em sua agenda de pesquisa a historicidade do uso dos impressos no

⁴ A lista de torcidas organizadas, torcedores, representantes do poder público e dirigentes analisada contém mais de 50 nomes e faz parte do trabalho desenvolvido na tese: “Um movimento em muitas cores: O circuito de relações das torcidas organizadas paulistas entre 1968 e 1988 - Uma história da ATOESP (Associação das Torcidas Organizadas do Estado de São Paulo)”, defendida no PPHPBC da Fundação Getúlio Vargas, em dezembro de 2020.

Por uma história do associativismo torcedor nos anos 1970: dinâmicas de rivalidade, amizade e emulação na formação da ATOESP – Associação das Torcidas Organizadas do Estado de São Paulo
Bernardo Borges Buarque de Hollanda, Vitor dos Santos Canale

Brasil como fonte histórica a partir dos anos 1970. Até então, havia grande dose de ceticismo entre os historiadores de profissão, lastreados pela ideia positivista de que a ausência de neutralidade dos jornais enviesava por demais as informações, cuja confiabilidade dependia de origens e procedências mais seguras. Com o tempo, em meio a transformações historiográficas internacionais, como o advento da terceira geração da Escola dos *Annales* na França, a utilização dos periódicos se tornou progressiva, a ponto de se rotinizar. Passou a ser vista como um *locus* de dados passível de análises, desde que submetidos ao escrutínio de suas visões de mundo e ideologias, pelo pesquisador.

Em complemento, para não depender apenas da fonte impressa na reconstituição do período, recorreremos ainda à metodologia da História Oral e consultamos entrevistas produzidas pelos autores do presente artigo junto a lideranças da entidade aqui examinada – a ATOESP, Associação das Torcidas Organizadas do Estado de São Paulo – em particular a gravação do depoimento de um de seus fundadores, Cosme Damião Freitas Assis, líder da Torcida Jovem do Santos⁵. Além deste, foi entrevistado Heloísio Dutra, outra referência do universo torcedor paulistano, e representante dos Gaviões da Fiel⁶.

A montagem da lista de nomes a serem pesquisados contou com o apoio da bibliografia relativa ao tema, leituras de entrevistas do projeto de pesquisa *Territórios do Torcer*⁷, coordenado por um dos autores, e contatos informais com representantes de diversas torcidas organizadas, na localização de lideranças e de fundadores.

As duas entrevistas adotaram a vertente da História Oral classificada “história oral de vida” (Alberti, 2004), que proporcionou depoimentos capazes de explorar as experiências torcedoras ao longo dos anos, tendo por foco as

⁵ASSIS, Cosmo Damião Freitas. **Cosmo Damião Freitas Assis** (depoimento). Rio de Janeiro: Cpdoc/Fundação Getúlio Vargas, 2011.

⁶ Heloísio Dutra é membro dos Gaviões desde os primeiros anos da entidade e, em 2012, quando foi entrevistado, era o presidente da Velha-Guarda dos Gaviões da Fiel, grupo que reúne ex-presidentes e fundadores da torcida. Como presidente do grupo, Dutra era um dos responsáveis pela palestra aos novos associados, momento ritual da transmissão dos valores da entidade aos neófitos. DUTRA, Heloísio. Depoimento [jun. 2012]. Entrevistador: Vitor Canale. São Paulo, 2012. 1 arquivo digital de 4 horas, material transcrito.

⁷ Projeto desenvolvido pela parceria entre o Museu do Futebol e a Fundação Getúlio Vargas entre 2014 e 2015, que reuniu 21 depoimentos de História Oral de trajetória de vida de líderes de torcidas organizadas paulistanas.

Por uma história do associativismo torcedor nos anos 1970: dinâmicas de rivalidade, amizade e emulação na formação da ATOESP – Associação das Torcidas Organizadas do Estado de São Paulo
Bernardo Borges Buarque de Hollanda, Vitor dos Santos Canale

décadas de 1960, 1970 e 1980. A HO se constituiu no Brasil nos últimos quarenta anos, como uma metodologia de criação de fontes orais para que determinados temas e atores pudessem contribuir na elucidação das visões de um determinado período histórico. Seus marcos teóricos remetem à obra de Paul Thompson (1992), que nos anos 1980 reivindicou a capacidade de as técnicas de gravação e de reprodução sonora abrangerem uma pluralidade de testemunhos e dilatarem uma gama de relatos pretéritos, situados na fímbria entre a história e a memória, no interior de uma atmosfera historiográfica marcada pela importância de preconizar a *history from below*.

Para o presente artigo, foram utilizados formulários semiestruturados, construídos a partir de pesquisas sobre os entrevistados e suas entidades em fontes jornalísticas e na bibliografia acadêmica sobre o tema. A análise do material priorizou o circuito de relações entre os torcedores de diferentes equipes ao longo do tempo e a constituição da ATOESP, como parte das iniciativas de reivindicações coletivas dos torcedores por mudanças no futebol.

O embasamento teórico para esse texto foi buscado na historiografia inglesa, em particular no nome do historiador E. P. Thompson, porquanto suas reflexões sobre movimentos sociais e populares iluminam o tipo de associativismo que se quer aqui explorar. Sob o ponto de vista identitário, é possível formular a questão: de que maneira determinadas formas coletivas de ver e de sentir uma partida foram construídas historicamente, de geração a geração, com parâmetros análogos à constituição da identidade de *classe* proposta por E. P. Thompson no prefácio ao seu livro clássico de 1963 sobre a experiência histórica dos trabalhadores ingleses?

A obra do historiador britânico E. P. Thompson parece-nos, ainda, apropriada, pois ela auxilia na elucidação de alguns episódios a seguir relatados, descritos e reconstituídos em suas cores narrativas, ora memorialísticas, ora jornalísticas. Ao debruçar-se sobre a experiência histórica de formação da classe trabalhadora inglesa nos séculos XVIII e XIX, Thompson relativizou as visões estanques e tradicionais de circunscrição do proletariado, operadas no interior do marxismo, visto como subproduto inexorável da era do desenvolvimento técnico das forças produtivas e das relações de produção.

Por uma história do associativismo torcedor nos anos 1970: dinâmicas de rivalidade, amizade e emulação na formação da ATOESP – Associação das Torcidas Organizadas do Estado de São Paulo
Bernardo Borges Buarque de Hollanda, Vitor dos Santos Canale

Em vez de reificações e de abstrações estruturais, o autor deu ênfase ao processo ativo de elaboração da identidade de inúmeras categorias profissionais que antecederam e sucederam a irrupção da Revolução Industrial na Inglaterra. A concretude dos personagens e das relações sociais evidencia seu caráter construtivo e indeterminado, nunca pronto e acabado, e que o historiador deve captar em seu *modus faciendi*, ao invés de aceder ao passado imbuído de postulados teleológicos, obtidos *a posteriori*. Em suas palavras: “A classe acontece quando alguns homens, como resultado de experiências comuns (herdadas ou partilhadas) sentem e articulam a identidade de seus interesses entre si, e contra outros homens cujos interesses diferem (e geralmente se opõem) dos seus” (Thompson, 1981, p. 10).

Uma constelação de torcidas: imprensa esportiva e o advento de um novo ator nas arquibancadas paulistas na virada dos anos 1960 para 1970

Algo mudava no futebol paulista e era para pior nas palavras de A. Mendes, então colunista esportivo da *Folha de S. Paulo*. A recém-fundada *Gaviões da Fiel* (1969) queria subverter a lógica do Corinthians; suas vaias atacavam ao mesmo tempo o clube, os jogadores e os outros torcedores. Em fins dos anos 1960, as vaias, instrumento de denúncia e crítica, reverberavam pelos estádios paulistas e chegavam às redações dos jornais. Na concepção de Mendes, e dos setores mais conservadores no futebol, as táticas dos torcedores eram interpretadas como um desacato ao princípio básico do torcer, o apoio incondicional:

O que não se entende é que existam torcidas com aspectos de facções, deixando a impressão patente que foram organizadas com o único objetivo de vaiar. Que fazem da vaia uma perseguição. Esse, pelo menos na aparência, tem sido o escopo e a finalidade dos Gaviões da Fiel. Se se trata de um movimento com finalidade oposicionista, é um fato profundamente lamentável. Seus responsáveis deveriam compreender que se o Corinthians possui alguma coisa digna de maior admiração e maior respeito, é a sua Fiel Torcida. Ela é algo de extraordinário e que, antes de mais nada, constitui o maior sustentáculo, pois é a alma de um grande clube. E os gaviões estão comprometendo essa imagem. Para que existe torcida? Qual a sua única e exclusiva finalidade? Evidentemente é para defender o time do seu clube. Incentivar os jogadores, dando-lhes a mão nos momentos difíceis e através de

Por uma história do associativismo torcedor nos anos 1970: dinâmicas de rivalidade, amizade e emulação na formação da ATOESP – Associação das Torcidas Organizadas do Estado de São Paulo
Bernardo Borges Buarque de Hollanda, Vitor dos Santos Canale

aplausos, incentivá-los sempre. Então não se chamaria a torcida de o jogador número 12. Como aceitar outro procedimento de uma torcida organizada, o que frequentemente ocorre e é o caso dos Gaviões da Fiel? Se não há queixas diretas dos jogadores contra o fato – não podem fazê-las – eles sempre se manifestam chocados e lamentam o tratamento que recebem dos Gaviões. (...) (MENDES, A. 1970, p. 15)

As ponderações de A. Mendes baseavam-se em um caráter pretensamente natural do torcedor: a defesa do time, o incentivo representado no aplauso e a abnegação. Discursos, como o do jornalista da *Folha de S. Paulo*, cindiam o personagem do torcedor em duas instâncias à primeira vista inconciliáveis: de um lado, afirmavam o amor abnegado, supostamente puro; de outro, negavam a crítica ou qualquer caráter que denotasse substrato “político”. Para A. Mendes, o ato de torcer era uma emanção dos sentimentos coletivos que a “Fiel” torcida corintiana sempre soubera honrar. Quanto mais adversa fosse a condição do time, mais esses valores eram reivindicados.

A torcida deveria representar a união efêmera de torcedores, não precisava, pois, ser “organizada”, uma vez que estes já possuíam uma consciência comum do que era melhor para o time. O apoio era a expressão principal do torcer, fruto do amor e da sensibilidade amadora que guiavam as ações em prol do melhor para o clube e para o desempenho dos jogadores em campo. Segundo entendiam parcelas consideráveis do jornalismo esportivo, a cobrança moderada era o limite máximo da crítica.

A crônica de Mendes ainda trazia uma advertência final aos torcedores corintianos: “(...) lembrem-se do caso Flávio”⁸. Na comunidade de aficionados, não era necessário possuir uma memória prodigiosa para lembrar-se de Flávio, artilheiro que atuou pelo clube paulista entre 1964 e 1968. O atacante transferiu-se para o Fluminense sob reclamações de que a torcida corintiana era excessivamente crítica ao seu futebol. Apesar de o gaúcho ser uma das principais estrelas do time, a falta de títulos fazia mais uma vítima alvinegra. A saída de Flávio, as vaias de protesto, os torcedores que insistiam em se organizar – eis os sinais, no final dos anos 1960, de uma espécie de nova cultura juvenil torcedora que insuflava os estádios do futebol paulista.

⁸ MENDES, A. “Linha de ataque – Camisa 12”. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 05/08/1970, p.15.

Por uma história do associativismo torcedor nos anos 1970: dinâmicas de rivalidade, amizade e emulação na formação da ATOESP – Associação das Torcidas Organizadas do Estado de São Paulo
Bernardo Borges Buarque de Hollanda, Vitor dos Santos Canale

As mudanças assumiram o sentido da contestação e se alastravam pelos clubes. A fundação de uma série de novas torcidas organizadas trouxe consigo um embate entre as diversas formas de torcer e acrescentou novos atores à dinâmica do futebol, com seus anseios contestadores e com projetos de vivência coletiva em meio ao período ditatorial que grassava no país, em sua fase mais acerba de repressão, censura e tortura na esteira do Ato Institucional número 5.⁹

No estado de São Paulo, um novo segmento de grupos torcedores emergiu no final dos anos 1960. Depois de uma primeira geração, surgida nos anos 1940, sob a denominação de “torcidas uniformizadas”, surgiam naquele contexto, de maneira simultânea às Torcidas Jovens do Rio de Janeiro, as primeiras torcidas organizadas. Em 1969, eram fundadas a Torcida Jovem da Ponte Preta, em Campinas, e os Gaviões da Fiel Torcida, subintitulada Força Independente, e a Torcida Jovem do Santos, ambas na capital paulistana.

Pouco depois, no início da década de 1970, surgiram a palmeirense TUP (Torcida Uniformizada do Palmeiras) e a Torcida Jovem do Guarani, depois rebatizada como Guerreiros da Tribo. Em 1971 foi a vez da corintiana Camisa 12 – dissidência da Gaviões – e, no ano seguinte, a Torcida Tricolor Independente, dissidente da Torcida Uniformizada do São Paulo. No ano seguinte, assiste-se à criação da Leões da Fabulosa, representante da Portuguesa de Desportos.

Ausenta-se dessa lista a supracitada TUSP, por ter sido fundada em 1940, constituindo-se como a primeira torcida uniformizada da cidade e, ao que tudo indica, a primeira do País. Não obstante, a partir de 1969, sob a liderança de Hélio Silva, essa agremiação adotou uma postura e um perfil organizacional semelhante à nova floração de associações torcedoras (TOLEDO, 1996, p. 27). As

⁹ O AI-5, decretado em 13 de dezembro de 1968, teve vigência durante 10 anos, cuja fase foi considerada a mais dura e repressiva do período ditatorial. É nesse contexto que emergem as associações torcedoras em São Paulo, dentro de uma ambiência de instrumentalização do futebol pelo regime civil-militar, com a vitória da Seleção brasileira no México. Capitaneada por Médici, cuja imagem procurava ser associada à de um “homem comum” aficionado por futebol, frequentador do Maracanã, munido de um radinho de pilha, a recepção da delegação vitoriosa ensejou uma grande comemoração popular nas ruas. Junto ao “milagre econômico”, alavancador do crescimento do PIB e dos índices de consumo, a virada daquele decênio foi timbrada por certa euforia coletiva e uma série de imagens ufanistas em torno do triunfo esportivo nacional. Dessa maneira, o surgimento/atuação das torcidas organizadas dos clubes paulistas na virada dos anos 1960 e a emergência da ATOESP em meados do decênio seguinte se deram sob a dinâmica desse contexto histórico mais amplo.

Por uma história do associativismo torcedor nos anos 1970: dinâmicas de rivalidade, amizade e emulação na formação da ATOESP – Associação das Torcidas Organizadas do Estado de São Paulo
Bernardo Borges Buarque de Hollanda, Vitor dos Santos Canale

duas décadas posteriores à criação das primeiras torcidas organizadas foram um período de efervescência entre as organizações deste gênero de aficionados clubísticos. Os casos de agrupamentos com existência efêmera, a aparecer e rapidamente desaparecer do cenário das arquibancadas, as fusões entre torcidas bem como as cisões internas constantes, que levavam à criação de novos coletivos de torcedores, eram acontecimentos recorrentes da dinâmica associativa torcedora.

Sem incorreremos num sociologismo trivial, pode-se dizer que o surgimento de cada uma dessas torcidas organizadas guarda relações evidentes com o momento político e com o contexto social de São Paulo e do Brasil. Ao mesmo tempo, sua aparição demonstra as especificidades do campo futebolístico profissional e as relações da política interna de cada clube em questão. Além dos torcedores organizados, são atores desse campo as diretorias dos clubes, os atletas pertencentes a essas agremiações clubísticas, os representantes do poder público, a Federação Paulista de Futebol (FPF) e os órgãos da mídia.

A influência das diretorias dos clubes na criação das torcidas organizadas foi um traço recorrente na história das agremiações. Enquanto algumas entidades surgiram com o intuito de combater determinadas diretorias, sendo um dos casos mais emblemáticos os Gaviões da Fiel, em sua luta manifesta contra o continuísmo político do presidente Wadih Helu¹⁰, a história de outros grêmios torcedores, como a Torcida Jovem da Ponte Preta e os Guerreiros da Tribo¹¹, relaciona-se a estreitos vínculos e fortes laços de apoio e entrosamento com determinados dirigentes então no poder de cada clube.

O advento de novas instituições de torcedores relacionou-se a interesses que iam das novas formas de expressão juvenil do pertencimento clubístico nas arquibancadas às tradicionais maneiras de praticar a cultura política nos clubes, em lógicas de tutela e apadrinhamento. Não obstante, com o passar do tempo, ainda no decorrer dos anos 1970, a relação constitutiva entre a rivalidade

¹⁰ Wadih Helu foi presidente do Corinthians ininterruptamente entre 1961 e 1971. Entre 1967 e 1971, tornou-se deputado estadual pelo ARENA, partido que compunha a base aliada do governo ditatorial do período.

¹¹ A torcida organizada Guerreiros da Tribo, ainda sob o nome Torcida Jovem do Guarani, esteve atrelada institucionalmente ao departamento social do Guarani Futebol Clube.

Por uma história do associativismo torcedor nos anos 1970: dinâmicas de rivalidade, amizade e emulação na formação da ATOESP – Associação das Torcidas Organizadas do Estado de São Paulo
Bernardo Borges Buarque de Hollanda, Vitor dos Santos Canale

clubística que emulava essas torcidas e a percepção social das questões mais amplas que uniam os torcedores organizados fomentaram a criação da primeira associação de torcidas de que se tem notícia no país, a ATOESP (Associação das Torcidas Organizadas do Estado de São Paulo). Vejamos no item a seguir as condições de existência que tornaram possíveis a criação dessa entidade.

A criação da ATOESP: da sociabilidade carnavalesca às reivindicações “sindicais”

As prolongadas e recorrentes interações entre os representantes das torcidas organizadas de São Paulo trouxeram consigo a percepção das potencialidades de ações em conjunto, fossem elas voltadas ao futebol, tradicional lazer dos fins de semana para o habitante das grandes cidades, em estádios como o monumental Morumbi, inaugurado em 1970, ou o tradicional Pacaembu. O foco associativo dizia respeito a questionamentos dos princípios organizativos e à percepção da necessidade de mudanças na estrutura de poder futebolístico. Os principais entusiastas desse movimento de congregação entre torcedores organizados eram Flávio La Selva, fundador dos Gaviões da Fiel; Hélio Silva, líder da Torcida Uniformizada do São Paulo; e Cosme Damião Freitas Cid, fundador da Torcida Jovem do Santos.

O contato frequente entre as lideranças – que, segundo Hélio Silva, começara por volta de 1972, com encontros semanais em bares da cidade para tomar cerveja e discutir os problemas em comum das torcidas (HOLLANDA; FLORENZANO, 2019, p. 104) – estreitou até os laços de compadrio entre Cosme Freitas, da Torcida Uniformizada do Santos, e Flávio La Selva.

As lideranças traziam aspectos em comum, como uma faixa etária similar. Parte dos líderes era proveniente da classe média. Essas características em comum e o mesmo interesse pelo futebol profissional acabavam gerando encontros diversos, que se projetavam mesmo das arquibancadas. Segundo outro depoimento:

Por exemplo, a TUSP o grande líder era um boxista chamado Hélio Silva, e ele frequentava a academia no andar de cima da nossa sede na Santa Ifigênia, que tinha uma academia de lutas, boxe,

Por uma história do associativismo torcedor nos anos 1970: dinâmicas de rivalidade, amizade e emulação na formação da ATOESP – Associação das Torcidas Organizadas do Estado de São Paulo
Bernardo Borges Buarque de Hollanda, Vitor dos Santos Canale

lutas marciais, jiu-jitsu, taekwondo e que nós treinávamos lá, e ele treinava junto com a gente e saía de lá e ia tomar goró com a gente, todo mundo junto, entendeu? (DUTRA, 2012, p. 8)

É possível inferir que, quando a associação foi institucionalizada ou batizada com a nomenclatura ATOESP, algumas de suas práticas já se encontravam em funcionamento, sendo a entidade seu corolário. A formalização da associação tencionou, assim, atender a um duplo designo, qual seja, de um lado ser uma instituição defensora de uma lógica torcedora supra-torcidas, junto aos demais entes e autoridades constitutivos do futebol; e, de outro lado, ser um espaço de debates e deliberações internos às torcidas organizadas, espaço propício para que as rivalidades e as brigas não assumissem ares violentos.

A realização de um campeonato de futebol entre as torcidas organizadas da capital paulista, no Ibirapuera, era mostra de como esse movimento originado nas lideranças começava a se expandir para as instituições como um todo. O torneio de janeiro de 1975 precedia em mais de um ano a institucionalização da Atoesp, mas já mostrava um terreno fértil de relações inter-clubísticas de torcedores.

A institucionalização da entidade ocorreu em 17 de fevereiro de 1976¹² e em seu primeiro ano a Atoesp contava com os Gaviões da Fiel e a Povão Torcida Unida, representantes do Corinthians; a Torcida Uniformizada e a Torcida Acadêmica do Palmeiras; as torcidas Leões da Fabulosa e Corações Unidos da Portuguesa de Desportos; a Torcida Uniformizada do São Paulo; a Torcida Jovem do Santos; e as campineiras Torcida Jovem da Ponte Preta e Guerreiros da Tribo – Força Independente do Guarani¹³.

A sede dos Gaviões da Fiel foi o primeiro endereço escolhido para hospedar a entidade, mas tinha por função apenas receber as reuniões entre os dirigentes das torcidas e centralizar as correspondências da entidade recém-fundada. Localizada à época no segundo andar de um prédio situado na Rua Santa Ifigênia, número 176, na área central da cidade, a proximidade com a rodoviária era um facilitador, principalmente para os líderes de torcida que

¹² Meus agradecimentos ao ex-presidente dos Gaviões da Fiel, Cláudio Simões, pela cessão do documento da ATOESP que trazia em seu cabeçalho a data de institucionalização.

¹³ TORCIDAS unidas formam os “Guerreiros da Tribo”. *Jornal do Guarani*, n. 6, p. 4, nov./dez. 1976.

Por uma história do associativismo torcedor nos anos 1970: dinâmicas de rivalidade, amizade e emulação na formação da ATOESP – Associação das Torcidas Organizadas do Estado de São Paulo
Bernardo Borges Buarque de Hollanda, Vitor dos Santos Canale

vinham de outras cidades. Flávio La Selva, um dos principais incentivadores da criação da ATOESP, foi escolhido como seu primeiro presidente.

Aquele torcedor corintiano, formado em Direito na Faculdade do Largo de São Francisco (Universidade de São Paulo), participava de protestos e passeatas nos idos de 1968. Em meados dos anos 1970, ele idealizava um projeto político mais amplo para as torcidas organizadas. Muitas dessas concepções eram atribuídas à sua participação em outros projetos sociais, como a militância estudantil, a atuação nas Pastorais e o trabalho como advogado (CÉSAR, 1981, p. 99 – 100; LA SELVA, 2020, p.112).

Os planos de Flávio de La Selva passavam por transformar as torcidas organizadas em um espaço diversificado de “cultura” e lazer. De acordo com o pesquisador Benedito Tadeu Cesar, numa dissertação de mestrado em Antropologia Social, defendida no início dos anos 1980 na Unicamp:

Naquela época, Flávio, que além de manter todas essas atividades e mais um escritório de advocacia e que participava dos trabalhos pastorais da Zona Leste da capital, tinha a pretensão de transformar o Grêmio Gaviões da Fiel, numa entidade cultural. Pretendia promover debates, cursos, criar um grupo de teatro e um cine-club. Achava que só futebol e samba não correspondia às expectativas de todos os Gaviões. Ele tinha a certeza de que diversificando as atividades do Grêmio, muitos outros elementos se incorporariam a ele. (CÉSAR, 1981, p. 99-100)

A seu juízo, as torcidas organizadas poderiam vir a ser um espaço social em que as classes populares desenvolveriam atividades coletivas, para além do futebol. O projeto de Flávio deveria aproximar as torcidas organizadas a partir de uma mesma concepção comunitária, associativa e recreativa. A proposta receberia apoio de outras lideranças, notadamente de Cosme Freitas, fundador da Torcida Jovem do Santos, e de Hélio Silva, líder da Torcida Uniformizada do São Paulo.

Os dirigentes das torcidas organizadas de Corinthians, Santos e São Paulo revezaram-se nos principais cargos da entidade entre as décadas de 1970 e 1980, período que identificamos como a primeira fase da ATOESP. Flávio, Cosme e Hélio eram os responsáveis pelos contatos com a imprensa e mantinham um discurso afinado nos mesmos ideais, com denúncias à estrutura precária do

Por uma história do associativismo torcedor nos anos 1970: dinâmicas de rivalidade, amizade e emulação na formação da ATOESP – Associação das Torcidas Organizadas do Estado de São Paulo
Bernardo Borges Buarque de Hollanda, Vitor dos Santos Canale

futebol brasileiro, que atrapalhava o torcedor, e com a tentativa de estabelecer relações recíprocas não violentas entre as torcidas, uma vez que a agressividade já se manifestava à época e ocupava, aqui e ali, o noticiário da imprensa especializada¹⁴.

A primeira aparição da ATOESP no espaço público da cidade de São Paulo, de que se tem registro na imprensa, aconteceu por ocasião do concurso de blocos de carnaval paulistano, na segunda metade dos anos 1970. Os Gaviões da Fiel participavam da disputa desde 1976; em 1978, a TUSP somou-se ao grupo de desfilantes; e em 1979 a A.T.O.S. (Associação das Torcidas Organizadas do Santos), com o seu “Bloco do Peixão”, uniu as torcidas organizadas do “alvinegro praiano”¹⁵.

O semanário *Placar* do dia 23 de fevereiro de 1979¹⁶ repercute o fato e emite opinião favorável à participação das torcidas organizadas no carnaval de blocos paulistano. Segundo o importante e influente periódico esportivo, a presença dos agrupamentos contribuía para reavivar o desfile que se via em decadência. De acordo com a revista, ano a ano, o carnaval de blocos a desfilar na Avenida São João perdia agremiações, que se tornavam por sua vez escolas de samba, a exemplo da Vai-Vai e da Camisa Verde e Branca.

Os dirigentes dos Gaviões da Fiel consideravam o desfile de blocos um meio de homenagear o Corinthians e de unir os seus associados nos períodos de interstício do calendário do futebol, como o início de ano, quando as temporadas ficavam inativas. Para Valdir Leandro, à época membro da comissão de carnaval da torcida, o bloco era apenas mais uma atividade do vasto calendário dos Gaviões, que incluía ainda as partidas de futebol de salão e os jogos de baralho na sede da entidade.

Na visão de Hélio Silva, da TUSP, o desfile era uma boa oportunidade de mostrar que o são-paulino não era elite, também era do povo e tinha samba no

¹⁴ Sobre o período de Flávio La Selva como presidente da ATOESP e a atuação de Hélio Silva e Cosme Freitas como vice-presidentes: TEIXEIRA, Alfredo. A torcida já pensa em fazer boicote. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, p. 34, 04/10/1979. Sobre a presidência de Hélio Silva na ATOESP: SÃO-PAULINOS acusam e a torcida apanha. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, p. 18, 12/05/1980.

¹⁵ O FUTEBOL bota o bloco na rua. *Placar*, São Paulo, n. 461, p. 12, 23/02/1979.

¹⁶ *Ibid.*

Por uma história do associativismo torcedor nos anos 1970: dinâmicas de rivalidade, amizade e emulação na formação da ATOESP – Associação das Torcidas Organizadas do Estado de São Paulo
Bernardo Borges Buarque de Hollanda, Vitor dos Santos Canale

pé. A estreante A.T.O.S. foi representada pelo presidente da Torcida Jovem do Santos, Cosme Freitas, e acolhia a todas as torcidas santistas, pregando a diversidade de torcidas organizadas no carnaval como meio de diminuir os atos de belicosidade e intolerância que se viam de forma crescente nos estádios. Conforme informava a revista *Placar*:

Esse também é o pensamento da Associação das Torcidas Organizadas do Estado de São Paulo – ATOESP. Seu vice-presidente e presidente da TUSP, Hélio Silva, pretende já nos próximos anos levar todas as cinco grandes torcidas da capital para o desfile.

- Nosso negócio é trazer a rivalidade do campo para a avenida. Achamos que assim deveremos acabar com a violência. Os torcedores passarão a se conhecer melhor e a competir sadiamente, dentro de um clima de festa e alegria. Achamos que o carnaval humanizará o torcedor. (...) (“O futebol bota o bloco na rua”. *Placar*. n.461. p. 13)

Em outubro de 1979, a ATOESP voltou a ocupar espaço nas páginas dos jornais. “ – Nós não podemos aceitar um campeonato esculhambado como este, que não vale nada”¹⁷. Os protestos dos dirigentes das maiores torcidas da cidade denunciavam a insensatez da tabela do campeonato estadual, que se prolongava em jogos sem importância e onerava os frequentadores dos estádios. As matérias do jornal *Folha de S. Paulo*, veiculadas em 04 de outubro de 1979¹⁸, tinham por mote entender a preocupação dos líderes de torcida sobre o assunto e as possíveis providências.

Ao longo da década de 1970, os regulamentos dos campeonatos estaduais e nacionais mudavam com frequência. Via de regra, priorizavam fórmulas que pudessem ampliar a quantidade de partidas (no caso do Campeonato Estadual) ou incluir mais equipes (no caso do Campeonato Brasileiro). Ambos os calendários, estadual e nacional, eram um problema comum a ser equacionado pelas principais equipes do estado de São Paulo.

¹⁷ TEIXEIRA, Alfredo. A torcida já pensa em fazer boicote. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, p. 34, 04/10/1979.

¹⁸ JOGO não acaba e a Vila pode ser interditada. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, p. 34, 04/10/1979. A TORCIDA já pensa em fazer boicote. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, p. 34, 04/10/1979. TUP COMEÇOU sua campanha. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, p. 34, 04/10/1979. ESTÁDIO vazio, a única solução. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, p. 34, 04/10/1979. APOIO ao time só na decisão. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, p. 34, 04/10/1979. GAVIÕES querem a unanimidade. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, p. 34, 04/10/1979.

Por uma história do associativismo torcedor nos anos 1970: dinâmicas de rivalidade, amizade e emulação na formação da ATOESP – Associação das Torcidas Organizadas do Estado de São Paulo
Bernardo Borges Buarque de Hollanda, Vitor dos Santos Canale

À época, a montagem da programação de jogos no decorrer do ano não era uma pauta de somenos importância. Ela congregava todas as torcidas e interessava sobremaneira à ATOESP, apesar de as lideranças ouvidas não terem a mesma opinião sobre o assunto. O ponto principal do debate e da discórdia era se o boicote às partidas do campeonato era a melhor atitude a ser tomada. De acordo com o jornal:

Para Flávio de La Selva, dos Gaviões da Fiel e presidente da ATOESP, um dos problemas do boicote era garantir que a torcida corintiana não comparecesse, apesar da gradual diminuição de público que ocorria nos jogos do Corinthians, para o Gavião o movimento só daria certo se encampado por todos “Eu sei que temos um peso muito forte. Porém, é preciso entrar numa briga destas certos da vitória. Se houver unanimidade para se fazer um boicote, tudo bem. Caso contrário, o negócio é buscar outras alternativas, como por exemplo fazer uma série de sugestões para a F.P.F.” (GAVIÕES querem a unanimidade. *Folha de S. Paulo*. São Paulo. p.34. 04/10/1979)

Já Cosme Damião Freitas, presidente da Torcida Jovem do Santos, defendia uma postura mais radical: via no boicote a melhor alternativa para chamar a atenção para o problema, apesar do desgosto de não entrar no estádio e de acompanhar o seu time do coração. Caso a atitude não surtisse o efeito esperado, José Miguel Cecchinato, relações públicas da torcida santista, reivindicava pressionar Nabi Abi Chedid, presidente da Federação Paulista de Futebol, e fazer um pedido de intervenção na Federação em última instância.

Na opinião de Hélio Silva, presidente da TUSP, a tabela era parte de uma crise maior em que os cartolas prejudicavam a qualidade do futebol:

Os dirigentes só pensam em dinheiro, em explorar o torcedor. Todos são culpados por este campeonato ridículo, no qual os clubes são obrigados a jogar com menos de 48 horas de intervalo sem valer coisa nenhuma. Eu não perdoo nem o presidente do São Paulo pois também participou do Conselho Arbitral que aprovou tudo isso. (ESTÁDIO vazio, a única solução. *Folha de S. Paulo*. São Paulo. p. 34. 04/10/1979)

A longa sequência de jogos, avalizada pelos dirigentes, comprometia o esporte de duas formas: ao ameaçar a integridade física dos atletas e ao ferir a credibilidade do campeonato perante o torcedor. Para as lideranças da ATOESP,

Por uma história do associativismo torcedor nos anos 1970: dinâmicas de rivalidade, amizade e emulação na formação da ATOESP – Associação das Torcidas Organizadas do Estado de São Paulo
Bernardo Borges Buarque de Hollanda, Vitor dos Santos Canale

independente de posicionamentos individuais, era preciso reagir como coletividade.

Hélio Silva entendia a necessidade de um trabalho de conscientização dos torcedores com faixas, panfletos e divulgação nos veículos de comunicação, para que a iniciativa do boicote fosse além das torcidas organizadas e chegasse ao torcedor em geral. Segundo o líder são-paulino, a ausência dos torcedores organizados deveria ser capaz de sensibilizar as cadeiras numeradas e cativas pois, sem a festividade das Organizadas, o estádio perderia parte do seu encanto e brilho.

A Torcida Uniformizada do Palmeiras, a TUP, tratava o boicote como uma realidade entre os palmeirenses, mesmo que informalmente. Para o presidente do grupo, Luís Pereira Pinho, os jogos daquela fase de nada valiam. Sendo assim, comprar ingresso naquele momento era gastar dinheiro à toa. Todavia, apesar dos apelos, era difícil convencer e demover alguns torcedores de frequentar os estádios em torno daquela causa e do questionamento à estrutura e aos agentes esportivos.

O excesso de jogos e o acúmulo de partidas de pouca relevância da fase classificatória estavam submetendo o torcedor, na ótica dos representantes de torcidas, a um exame de consciência. O amor abnegado ao clube cedia espaço à reflexão acerca dos rumos mais amplos que o futebol tomava no final da década de 1970. Segundo o *modus operandi* de então, as bilheterias eram um instrumento de renda avidamente explorado pelas Federações e pelos clubes para auferir seus lucros e dividendos no futebol, em detrimento da qualidade e da competitividade do espetáculo.

Nesse sentido, os torcedores organizados denunciavam o ataque dos dirigentes ao bem mais precioso na retórica do futebol: o etos amador e a autenticidade devota do torcedor para com seu clube. Frente à expressão da inconformidade que agregava as torcidas numa pauta reivindicativa única, fruto do sofrimento em comum de suportar um campeonato de baixa qualidade técnica, nascia uma consciência para se contrapor a essa realidade, mesmo que essa devoção incondicional à primeira vista tivesse de ser posta em segundo plano naquele determinado momento.

Por uma história do associativismo torcedor nos anos 1970: dinâmicas de rivalidade, amizade e emulação na formação da ATOESP – Associação das Torcidas Organizadas do Estado de São Paulo
Bernardo Borges Buarque de Hollanda, Vitor dos Santos Canale

A sensação ou a consciência gerada por esses ataques era responsável por uma revolta coletiva, que teria sua melhor canalização na ausência dos estádios. Ou seja, negava-se não o clube ou o time, mas rechaçavam-se, isso sim, os dirigentes dos clubes e os representantes da Federação. Tal repúdio faz-se visível na queda de arrecadação das partidas, motivo maior das tabelas confusas e intermináveis. Para Hélio Silva, a demanda era concreta, não havia o temor de represálias, “pois não se trata de manifestação política”¹⁹.

Em meio à reivindicação, os integrantes da ATOESP reuniram-se novamente em 12 de outubro de 1979, com o objetivo de debater a possibilidade de um boicote, porém nada de efetivo fora decretado. Como crítica à falta de um pronunciamento, o jornal compara a ATOESP aos seus principais antagonistas, os dirigentes de futebol:

Os representantes das principais torcidas de São Paulo parecem ter assimilado as péssimas lições dadas pelos cartolas do nosso futebol. Está é a única explicação para a surpreendente atitude da ATOESP – Associação das Torcidas Organizadas do Estado de São Paulo -, que decidiu esconder da imprensa os detalhes de sua reunião extraordinária (...) (TORCIDAS não divulgam os resultados da assembleia. *Folha de S. Paulo*. São Paulo. p. 40 14/10/1979)

Por fim, o boicote não é levado a cabo e o campeonato é encerrado somente em fevereiro do ano seguinte, 1980, uma mostra do número excessivo de partidas. Vicente Matheus, presidente do Corinthians, recusou-se a participar de uma rodada dupla em jogo contra a Ponte Preta na primeira fase do Campeonato Paulista, sob pena de privilegiar outras equipes com as rendas de sua torcida.

A atitude do dirigente corintiano fora apoiada pelos seus torcedores, que se negaram a ir ao estádio e protestaram em frente à sede da Federação Paulista de Futebol. O evento uniu Gaviões da Fiel e Camisa 12, dois grupos que surgiram sob o signo da rivalidade, em meio às disputas da política interna do clube. Se a fórmula do campeonato, a carestia dos ingressos e a falta de representatividade unificavam a pauta das torcidas organizadas de então, os interesses particulares de cada clube, por outro lado, voltavam a antagonizar os torcedores.

¹⁹ ESTÁDIO vazio, a única solução. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, p. 34, 04 nov. 1979.

Por uma história do associativismo torcedor nos anos 1970: dinâmicas de rivalidade, amizade e emulação na formação da ATOESP – Associação das Torcidas Organizadas do Estado de São Paulo
Bernardo Borges Buarque de Hollanda, Vitor dos Santos Canale

Quando a polícia se torna a adversária

Ao longo do decênio de 1970, a relação entre torcidas organizadas e os órgãos de segurança de São Paulo passou por diversas fases. Entre os meses de julho e agosto de 1975, o jornal *Folha de S. Paulo* procurou as principais torcidas organizadas da capital para saber quais os fatores que afastavam os torcedores dos estádios paulistas. O ciclo de matérias intitulado “Os Campeões da Geral” ouviu e contou a breve história dos Gaviões da Fiel, da Torcida Uniformizada do São Paulo, da Torcida Uniformizada do Palmeiras, da Torcida Jovem do Santos e da Leões da Fabulosa²⁰. A iniciativa do jornal paulistano contou ainda com uma reportagem voltada a mostrar a atuação dos responsáveis pelo policiamento nos estádios da capital.

O policiamento dos estádios na cidade de São Paulo passou ao comando do 29º Batalhão da Polícia Militar em 1972. O regimento chefiado pelo major Luís Carlos Fabri e os capitães Ariovaldo Bonjorno e Amadeu Laranjeiras reconhecia o caráter pacífico da maioria dos encontros futebolísticos e relatou apenas um jogo em que policiamento teve problemas sérios: Palmeiras e Corinthians em 5 de abril 1973²¹.

O embate entre torcedores dos Gaviões da Fiel e da Torcida Uniformizada do Palmeiras começou perto do final do clássico, quando as duas torcidas estavam lado a lado nas gerais do Parque Antártica. Vários torcedores tiveram de correr e pular para o fosso do estádio, caindo de uma altura de três metros. Os médicos de Palmeiras e Corinthians atenderam vários casos de fratura e muitos pacientes tiveram de ser encaminhados aos hospitais das cercanias. Ao todo, foram mais de cinquenta torcedores feridos²².

Numa ação que não guardava relação com os incidentes do estádio, dois torcedores foram detidos pela Polícia Militar e levados para uma região distante de São Paulo. Espancados e submetidos a tortura pelos policiais, um deles acabou baleado na tentativa de fuga. O antropólogo José Paulo Florenzano (2019) relembra que a polícia encarregada da segurança em espetáculos esportivos era

²⁰ Série de reportagens realizadas entre os dias 28/07/1975 e 03/08/1975.

²¹ JAMES, NARCISO. A torcida reclama; a polícia explica. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, p. 16, 03/08/1975.

²² Dirigentes erram, público paga. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, p. 34, 05/04/1973.

Por uma história do associativismo torcedor nos anos 1970: dinâmicas de rivalidade, amizade e emulação na formação da ATOESP – Associação das Torcidas Organizadas do Estado de São Paulo
Bernardo Borges Buarque de Hollanda, Vitor dos Santos Canale

também aquela que atacava a subversão política, reprimia protestos e passeatas. Os métodos da caserna promoviam uma atuação policial truculenta que vitimava estudantes, sindicalistas e outros possíveis inimigos do regime. A figura do torcedor, em 1973, não estava atrelada à subversão e nem a práticas violentas; porém, os excessos policiais se tornariam cada vez mais noticiados pelos jornais *O Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo* ao longo da década.

Como exemplo das detenções mais recorrentes, o capitão Amadeu Laranjeiras citou três casos de 1974 e 1975:

Em 22 de novembro de 1974, no jogo Corinthians e Palmeiras, com um público de 126.522 pessoas, houve apenas 14 detenções. Motivos: marreteiros, batedores de carteira, cambistas. Nenhum torcedor. (...) A média de casos varia de jogo para jogo. São Paulo e Palmeiras, dia 20 passado, com um público de 54.307 pessoas teve 33 detenções (6 cambistas, 21 guardadores de carro, 4 por desordem, 1 por soltar fogos e 1 menor), exatamente um problema a cada 16.456 torcedores. Na véspera, no jogo Corinthians e Marília, com 20.407 pessoas, teve 4 detenções, uma para cada grupo de 5.101 torcedores. (JAMES, Narciso. A torcida reclama; a polícia explica. *Folha de S. Paulo*. São Paulo p.16 03/08/1975)

A visão do policiamento era que, desde a fundação das primeiras torcidas organizadas até o ano de 1975 as maiores rivalidades eram internas e se manifestavam dentro dos próprios clubes, protagonizadas por cisões, pequenos litígios e disputas por espaço nas arquibancadas e dentro das agremiações clubísticas que representavam. Os casos de agressões entre torcidas de clubes rivais eram esparsos, segundo relato dos policiais entrevistados, e não havia indícios de protagonismo ou participação orquestrada de parte das torcidas organizadas.

Contudo, o retrato amistoso feito pela Polícia Militar sobre a vigilância nos estádios não corroborava os resultados da pesquisa de opinião feita pelo mesmo diário *Folha de S. Paulo*. Isto é, a recíproca de parte dos torcedores comuns e organizados não era tão benevolente. Em enquete exclusiva junto aos frequentadores de estádios em meados dos anos 1970, os entrevistados classificaram o policiamento da seguinte forma: “bom 21,66 %; regular 17,43%; e violento 60,91%”²³.

²³ JAMES, Narciso. A torcida reclama; a polícia explica. *Folha de S. Paulo*. São Paulo p. 16, 03/08/1975

Por uma história do associativismo torcedor nos anos 1970: dinâmicas de rivalidade, amizade e emulação na formação da ATOESP – Associação das Torcidas Organizadas do Estado de São Paulo
Bernardo Borges Buarque de Hollanda, Vitor dos Santos Canale

No tocante às Organizadas, voltando ao ponto de vista dos responsáveis do 29º Batalhão na matéria supracitada, as torcidas que traziam mais “problemas” de comportamento coletivo em 1975 eram as da Portuguesa de Desportos, que há pouco tempo entrara em confronto com a P.M., e a do Corinthians. Neste segundo caso, a agressividade relacionava-se a certa inconformidade com a ausência de títulos do time – duas décadas completavam-se em 1974 –, o que deixava os ânimos coletivos à flor da pele.

Os torcedores em geral eram tipificados como “pacíficos” e as situações circunstanciais provocadas em campo, como a atuação de árbitros, dirigentes, técnicos e jogadores, eram influências negativas que concitavam à conduta torcedora, sendo responsáveis pelo desencadeamento da maioria das brigas. Outro grave problema, segundo a P.M., tanto para o policiamento adequado como para os torcedores, era a obsolescência dos estádios, cujas condições de infraestrutura prejudicavam a atuação de vigilância e supervisão.

Para os líderes das torcidas organizadas ouvidas na referida matéria, havia vários problemas de logística dos estádios e os principais consistiam em: 1. Os excessos cometidos pelo policiamento; 2. A péssima estrutura de conservação dos estádios paulistas; 3. O serviço caro e ruim prestado pelos ônibus da CMTC (Companhia Municipal de Transportes Coletivos); 4. O alto valor dos ingressos, associado ao crescimento da inflação no país; 5. O descrédito do futebol perante a opinião pública; 6. A política crescente de proibições com relação ao que podia ou não entrar nos estádios.

Contudo, se os estádios eram precários e inadequados na capital, tendiam a ser ainda piores no interior do estado, pois havia diferenças entre a abordagem do 29º Batalhão da Polícia Militar, que já tinha uma frequência de contato com as lideranças torcedores e com certos padrões de procedimento nas arquibancadas, e os policiais do interior do estado. Entre estes, a tensão e a rivalidade acabavam gerando confrontos com dois tipos de torcedores: de um lado, os “forasteiros”, ou seja, os torcedores de clubes visitantes, que vinham em caravana apoiar seu time; de outro, os cidadãos em geral (torcedores, moradores locais e polícia). Marília e Campinas eram cidades consideradas perigosas pelos torcedores organizados dos grandes clubes da capital, mas havia exceções, com

Por uma história do associativismo torcedor nos anos 1970: dinâmicas de rivalidade, amizade e emulação na formação da ATOESP – Associação das Torcidas Organizadas do Estado de São Paulo
Bernardo Borges Buarque de Hollanda, Vitor dos Santos Canale

municípios mais hospitaleiros. Segundo Hélio Silva, a cidade de Bauru, por exemplo, recebia muito bem os torcedores e havia respeito por parte do policiamento local.

O segundo lustro dos anos 1970 marcou a gradual mudança nas relações internas das torcidas organizadas entre si e dessas em relação ao policiamento dos estádios, agora personificado na figura do Secretário de Segurança do Estado de São Paulo, o sr. Antônio Erasmo Dias. Os episódios de violência passaram a ocupar com maior frequência as páginas dos jornais e exigiram respostas proporcionais tanto da parte da Federação Paulista de Futebol quanto dos órgãos de segurança estaduais.

Conforme assinala o pesquisador José Paulo Florenzano (2010), o ataque a Osvaldo Santos Filho, membro dos Gaviões da Fiel, espancado e esfaqueado por torcedores da Torcida Jovem do Santos, no estádio do Morumbi, foi um marco na escalada e em certa sistematização dos incidentes entre torcedores na capital paulista. Isso porque, segundo o autor, tratava-se do primeiro registro pela imprensa do uso de armas brancas nas dependências de um estádio. A necessidade de atendimento urgente ao corintiano na partida realizada dia 04 de setembro de 1977 punha às claras o aumento da rivalidade violenta. Em contrapartida, o episódio mostrava também a ausência de instrumentos para lidar com a situação inédita entre os gestores do futebol profissional e a intensificação dos confrontos nos anos seguintes evidenciaria seja a negligência seja o despreparo.

Ainda no âmbito da gestão dos equipamentos esportivos, a falta de transporte adequado para levar o torcedor ao hospital colocava em choque o clube proprietário do Morumbi e a Prefeitura de São Paulo, que suspendera o envio de ambulâncias por se tratar de um evento no interior de um estádio particular. Ao final, o torcedor vitimado foi levado ao hospital das Clínicas numa Kombi são-paulina.

Frente ao acontecimento dramático, a diretoria do São Paulo Futebol Clube, depois de esperar a iniciativa e a resolução da Prefeitura, achou por bem arcar com o aluguel de duas ambulâncias e contratar quatro médicos para atender os torcedores nas dependências do estádio. A Federação Paulista de

Por uma história do associativismo torcedor nos anos 1970: dinâmicas de rivalidade, amizade e emulação na formação da ATOESP – Associação das Torcidas Organizadas do Estado de São Paulo
Bernardo Borges Buarque de Hollanda, Vitor dos Santos Canale

Futebol, três dias após o incidente, divulgava a criação de um seguro de vida para acidentes, que estaria incluso no ingresso.

As torcidas organizadas, por sua vez, vieram a público através da ATOESP para repetir algumas das demandas apresentadas anteriormente. A nota reportada pelo jornal *O Estado de São Paulo* acentua o caráter mercenário da Federação, tal como estereotipado pelos líderes da associação de torcidas:

Há dois anos estamos fazendo sugestões e tomando providências para melhorar o nível do nosso futebol. Mas os homens da FPF só estão interessados em dinheiro, querem apenas grandes arrecadações, sem se importar com a segurança e conforto dos que proporcionam estas rendas (TORCIDAS apontam o caminho contra a violência. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, p. 23, 07/09/1977)

No entendimento de Flávio de La Selva, fundador dos Gaviões e presidente da ATOESP, a F.P.F. não se importava em vender mais ingressos do que a capacidade, promovia clássicos em estádios obsoletos e não fornecia nenhum lazer ao torcedor que gerasse atrativo antes da partida. A visão de Cláudio Castilho, superintendente da F.P.F., era diferente: a culpa deveria ser compartilhada igualmente entre todos os atores do espetáculo futebolístico e não apenas em uma única entidade.

Pouco mais de um mês depois, a 23 de outubro de 1977²⁴, a torcida corintiana esteve envolvida em um novo incidente violento, desta feita com o contingente policial. O duelo entre Corinthians e Guarani era o primeiro da equipe alvinegra após a conquista do Campeonato Paulista, título que punha fim à espera de vinte e dois anos de “fila”, como se dizia no jargão futebolístico. O estádio do Pacaembu recebeu um público de menos de vinte e três mil pessoas para acompanhar um tedioso 0 a 0.

A apatia fora quebrada no segundo tempo em razão de uma discussão entre torcedores corintianos e a atuação da polícia, que foi retratada da seguinte forma pelo jornalista Nailson Gondim²⁵, da *Folha de S. Paulo*:

²⁴ FIEL, mas não tanto. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, p. 24, 25/10/1977.

²⁵ O jornalista Nailson Gondim, além do seu trabalho na *Folha de S. Paulo*, era colaborador, desde 1977, do jornal *O Gavião*, do grêmio corintiano, e publicou dois livros sobre o clube: *Corinthians, paixão do povo* e *Corinthians, modéstia à parte*, com coprodução do grêmio Gaviões da Fiel e lançado na sede da entidade em 1985 (FESTA, 28/06/1985, p. 31).

Por uma história do associativismo torcedor nos anos 1970: dinâmicas de rivalidade, amizade e emulação na formação da ATOESP – Associação das Torcidas Organizadas do Estado de São Paulo
Bernardo Borges Buarque de Hollanda, Vitor dos Santos Canale

Foram quase 15 minutos de confusão gerada pelos policiais, que insistiam em empunhar suas armas e invadir as arquibancadas para arrastar vários torcedores pelos degraus, enquanto outros saíam carregados. Era uma cena deprimente para um espetáculo de futebol. A torcida se revoltava e em protesto à violência de que era vítima gritava em coro: “Covarde! Covarde!” Das cadeiras numeradas os torcedores viravam-se para abrir os braços em sinal de protesto ao Secretário de Segurança Pública, cel. Erasmo Dias, que assistia ao jogo da Tribuna de Honra. Ele observava o comportamento de seus policiais e criticava o comandante do policiamento, prometendo ao final da partida, dirigir-se à delegacia do estádio para tomar providências. Pelo menos foi o que afirmou quando se retirava da tribuna. (GONDIM, Nailson. Corinthians vence na volta sem festa. *Folha de S. Paulo*. São Paulo, p.12, 24/10/1977)

A ação da P.M. foi desencadeada pelos gritos e xingamentos que eram endereçados aos jogadores bugrinos, segundo os torcedores corintianos. A tentativa de atrasar o jogo para manter o placar em 0 a 0 causou reações na torcida adversária, que foram reprimidas de forma enérgica pelo policiamento. Ao todo, foram registradas mais de vinte detenções e alguns feridos: entre eles, torcedores dos *Gaviões da Fiel* e da *Camisa 12*. A atitude do Secretário de Segurança Pública foi imediata e no mesmo dia da partida fora instaurada uma sindicância interna²⁶.

Pouco tempo depois, no dia 20 de abril de 1978, o Santos enfrentava o Operário no estádio do Pacaembu. A demissão do técnico Ramos Delgado antes da partida, a virada do time mato-grossense e a vitória por 2 a 1 foram o estopim para a revolta dos torcedores santistas, que começaram a pular o alambrado e a invadir o campo de jogo. A repressão aos invasores aumentou a proporção do incidente, que continuou após o jogo com a depredação das dependências do estádio, o apedrejamento do ônibus do Santos e o vandalismo com os carros que saíam pelo portão do Pacaembu²⁷.

O confronto generalizado acabou com um saldo mais de quarenta detidos e dez feridos, sendo dois em estado grave. O posicionamento de Erasmo Dias,

²⁶ ERASMO pune policiais que agridem a torcida. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, p. 24, 25/10/1977.

²⁷ PALMEIRAS dá no América/SP em jogo duro. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, p. 27, 21/04/1978. VIOLÊNCIA leva Santos a vetar jogos no Pacaembu. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, p. 21, 22/04/1978. O SANTOS perde, a torcida invade o campo. *O Estado de S. Paulo*, p. 22, 21/04/1978.

Por uma história do associativismo torcedor nos anos 1970: dinâmicas de rivalidade, amizade e emulação na formação da ATOESP – Associação das Torcidas Organizadas do Estado de São Paulo
Bernardo Borges Buarque de Hollanda, Vitor dos Santos Canale

então secretário de segurança pública, voltou-se contra a atitude dos torcedores, que desta vez mereceram críticas veementes. O conflito, ao juízo daquela autoridade, era uma demonstração contumaz da falta de educação do povo brasileiro, principalmente da carência da educação esportiva, do aprender a ganhar e a perder. A Polícia Militar, na justificativa de Dias, não possuía culpa no planejamento tampouco na execução, porquanto o contingente de 150 soldados era até maior do que o recomendando para um jogo daquele porte.

Em 1980 foi a vez da TUSP enfrentar problemas com o policiamento. O protesto da torcida são-paulina foi motivado pela atuação do árbitro Wilson Carlos dos Santos. Segundo os torcedores e o técnico são-paulino, Carlos Alberto Silva, o juiz era conivente com a “cera” feita pelo time do Atlético Mineiro. Alguns torcedores organizados, inconformados com o empate em casa, após o jogo dirigiram-se à saída do vestiário da arbitragem, momento em que foram repelidos pela Polícia Militar a chutes e golpes de cassetete, antes mesmo que tivessem qualquer contato com o árbitro. A ironia do episódio decorreu que, entre os agredidos, estava o próprio Hélio Silva, que além de presidente da TUSP e articulador da ATOESP, era o responsável pelo treinamento de artes marciais da Polícia Militar²⁸.

O episódio de violência com a maior repercussão do período envolveu duas das torcidas vistas como mais “problemáticas” pela Polícia Militar: Santos e Portuguesa. As torcidas do time da Baixada Santista estavam envolvidas com frequência seja em episódios políticos seja em invasões de campo. Por sua vez, a torcida da Portuguesa, clube de porte médio na hierarquia clubística, tinha a reputação da torcida mais violenta da cidade.

Segundo relatos jornalísticos, a agressão partiu da Polícia Militar contra a Torcida Jovem do Santos, com a destruição de seus instrumentos de percussão e com o espancamento de vários integrantes. As versões do semanário *Placar*, de 21 de agosto de 1981 e de Cosme Freitas, relatada em depoimento prestado em 2012 ao Museu do Futebol, divergem sobre o início das hostilidades, porém são similares ao relatarem o recorrente argumento da truculência e do excesso policial:

²⁸ SÃO-PAULINOS acusam e a torcida apanha. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, p. 18, 12/05/1980. BÍBLIA, invasões e violência. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, p. 18, 12/05/1980.

Por uma história do associativismo torcedor nos anos 1970: dinâmicas de rivalidade, amizade e emulação na formação da ATOESP – Associação das Torcidas Organizadas do Estado de São Paulo
Bernardo Borges Buarque de Hollanda, Vitor dos Santos Canale

(...) Na etapa final, aos 25, alguns torcedores da Portuguesa entraram, inadvertidamente, pelos portões que davam acesso à torcida do Santos. O jogo corria monótono dentro do gramado e, como sempre acontece nessas ocasiões, o clima ferveu nas arquibancadas. Palavrões, bolinhas de papel, ameaças – os lusos se sentiram acuados. Numa provocação mais direta, um santista beliscou o bumbum de uma moça do grupo adversário. Então, os PMs resolveram agir.

Foram dez minutos de pancadaria grossa e generalizada. Soldados derrubavam torcedores santistas a golpes de cassetete, chutando-os com todo o vigor de suas botas. Cosme Damião, diretor da Torcida Jovem, foi literalmente lançado de degraus abaixo. Quando parou de rolar continuou a ser agredido na cabeça por outros soldados. Companheiros seus que conseguiram vê-lo após os incidentes na delegacia do estádio, ficaram chocados com seus ferimentos. (PORTUGUESA. n. 588 p. 6, 21/08/1981)

*

E num jogo Santos e Portuguesa, no Canindé, um cidadão urina na faixa da Torcida Jovem do Santos. E quem viu? Eu. E fui repreender o cidadão. No meio da torcida do Santos, da Torcida Jovem, no Canindé lotado, ele urinou na faixa da Torcida Jovem. Fui falar com ele, pá, ele bateu aquela boca, o policial vai e me dá uma cacetada. O policial não sabia o que tava acontecendo, mal preparado, “po, vamo parar com isso”, de vez de separar, perguntar o que tava acontecendo, não, já me dá uma cacetada. Nisso que ele me deu uma cacetada eu falei, “po, o cara fez isso na faixa”, e ele vai e da outra.

Quando ele deu outra, aí já os amigos, aí foi aquela confusão, a Torcida desceu em defesa e eles me espancaram no túnel. No túnel, covardemente, fui muito espancado. Fui muito espancado... (ASSIS, 2011, p. 30)

Além do espancamento dos torcedores, os policiais ainda arrancaram a máquina fotográfica do repórter da *Folha de S. Paulo*, Paulo Jorge Araújo, para retirarem o filme que registrava os abusos cometidos. Contudo, as cenas do Canindé estavam gravadas na visão dos torcedores, além de testemunhadas por atletas, técnicos e autoridades, que não se furtaram a comentar criticamente e a condenar asperamente a rudeza do tratamento policial no interior de um estádio de futebol.

As atitudes dos policiais militares durante a partida do dia 16 de agosto de 1981 causaram comoção de diversos atores do futebol paulista. O presidente da Federação Paulista, Nabi Abi Chedid, e o Secretário de Segurança Pública, Octávio Gonzaga Jr., declararam-se constrangidos com a ação da polícia e, ante a pressão da opinião pública, prometiam a rápida apuração dos envolvidos. Os ataques à integridade física dos torcedores foram tema inclusive das sessões da

Por uma história do associativismo torcedor nos anos 1970: dinâmicas de rivalidade, amizade e emulação na formação da ATOESP – Associação das Torcidas Organizadas do Estado de São Paulo
Bernardo Borges Buarque de Hollanda, Vitor dos Santos Canale

Assembleia Legislativa do Estado e da Câmara Federal, com deputados cobrando providências em relação à Polícia Militar. As associações de árbitros e técnicos, bem como jogadores e dirigentes de várias equipes, ofereciam solidariedade e apoio à Torcida Jovem do Santos nos dias posteriores à partida²⁹.

Apesar de todo apoio e solidariedade à Torcida Jovem do Santos, seu presidente não tinha muitas expectativas de que os culpados fossem punidos. Cosme Freitas lembrava de diversos episódios de violência policial sofridos por sua torcida ou por outras integrantes da ATOESP, porém em todos os casos os Boletins de Ocorrência eram feitos pelos próprios agressores ou havia a conivência dos colegas policiais, o que tornava improvável uma real punição³⁰.

Para ratificar seu pensamento, o presidente da A.T.O.S. citou o exemplo de José Marques de Souza, o Matogrosso. O torcedor santista fora agredido pela P.M. enquanto protegia os instrumentos da bateria da Torcida Jovem do Santos, depois fora novamente atacado no banheiro, enquanto cuidava dos seus ferimentos. No entanto, no Boletim de Ocorrência expedido no 12º Distrito Policial, Cosme aparece como testemunha da agressão à torcida, não vítima, e Matogrosso é enquadrado na condição de réu da agressão contra sua torcida³¹.

A promessa do Secretário de Segurança Pública de uma sindicância severa, julgamento e punição aos envolvidos, era recorrente nos discursos oficiais desde o seu antecessor, coronel Erasmo Dias, mas os episódios se repetiam com uma frequência cada vez maior. A ATOESP manifestou-se timidamente no episódio que envolveu sua torcida afiliada. Foi esboçada a possibilidade de greve, que possivelmente não seria viável na visão de Cosme Freitas Cid, pois a Associação ainda estava em vias de oficialização.

Não formalizada, a ATOESP não teria forças o suficiente para convencer as agremiações. Sem embargo, para Flávio de La Selva, que prestava solidariedade à torcida santista, os problemas que levaram aos abusos do policiamento no Canindé eram os mesmos alertados pelas torcidas organizadas e pela Associação

²⁹ SECRETÁRIO promete punição aos policiais. O Estado de S. Paulo, São Paulo, p. 24, 18/08/1981.
SANTOS também faz protesto. O Estado de S. Paulo, São Paulo, p. 24, 18/08/1981.

FUTEBOL CONDENA agressões da Polícia Militar. Folha de S. Paulo, p. 26, 18/08/1981.

³⁰ JOGOS podem ser boicotados. Folha de S. Paulo, p. 26, 18/08/1981.

³¹ Ibid.

Por uma história do associativismo torcedor nos anos 1970: dinâmicas de rivalidade, amizade e emulação na formação da ATOESP – Associação das Torcidas Organizadas do Estado de São Paulo
Bernardo Borges Buarque de Hollanda, Vitor dos Santos Canale

ao longo de vários anos. Havia a necessidade de um corpo policial especializado para lidar com o público. Em depoimento ao jornal Folha de S. Paulo, Flávio clama pela união: “Todas as torcidas têm que se unir para que os policiais não criem novos problemas. Eles até parecem sádicos que gostam de bater nos torcedores. Acho que em um jogo sem policiais, não iria acontecer nada.”³²

Considerações finais

Em face do exposto acima, podemos retomar a obra de Thompson, citada na Introdução. Para o autor, a arena de lutas e reivindicações sociais é o único lugar efetivo de onde é possível se erigir uma consciência de classe. O par ação-consciência é assim redimensionado, sem sair, contudo, do horizonte materialista. O mesmo raciocínio relativo à classe operária pode ser estendido às considerações do autor sobre a cultura popular tradicional, empreendidas em artigos posteriores à sua obra clássica de 1963, reunidos no livro *Costumes em comum*.

Ao invés de focar a atenção, como a tradição marxista estava acostumada, na vanguarda proletária revolucionária, o historiador inglês preferiu aprofundar suas pesquisas nas ações e nas reações ambíguas de uma cultura plebeia particular que, em meio às transformações capitalistas em curso na Inglaterra, reclamou a manutenção de seus costumes e de seus direitos arraigados desde tempos imemoriais, ao longo de várias gerações.

A oposição popular à mudança da lei de preços fixada secularmente pelo direito consuetudinário e estabelecida pelo modelo paternalista de relação entre o senhor de terras e o camponês, como desvenda o ensaio “A economia moral da multidão inglesa no século XVIII”, publicado na revista *Past and Present* em 1971, foi apenas um dos casos geradores de uma cultura conservadora a um só tempo tradicional e rebelde. Esta era dramatizadora da antiga querela gramsciana entre o conformismo e a resistência, presente de maneira potencial nas expressões da cultura popular.

³² Ibid.

Por uma história do associativismo torcedor nos anos 1970: dinâmicas de rivalidade, amizade e emulação na formação da ATOESP – Associação das Torcidas Organizadas do Estado de São Paulo
Bernardo Borges Buarque de Hollanda, Vitor dos Santos Canale

Já a cultura tradicional thompsoniana tendia à insurgência contra a usurpação de seus “usos costumeiros”, tornando-se refratária a todo e qualquer processo de racionalização, de inovação e de modernização econômica. Ao contrário da interpretação corrente acerca do comportamento da multidão expresso por meio de motins — tidos como instintivos, irracionais e residuais —, Thompson procurou transcender quer a classificação pejorativa embutida no termo *turba*, quer a visão economicista redutora presente em muitos autores marxistas.

Alicerçado na história inglesa pré-industrial e nos ensinamentos da moderna antropologia social acerca da reciprocidade das normas e das sanções, procurou decodificar a *práxis* dos trabalhadores, bem como suas expressões simbólicas, à luz da noção geral de legitimidade e da “noção sancionadora do direito” (Pamplona, 1996).

Esse horizonte teórico, ainda que voltado para outro tempo e espaço, numa tentativa de rever os princípios constitutivos das identidades sociais de classe na Inglaterra, serve-nos de inspiração para ir ao encontro do objeto de nosso texto. Durante sua primeira fase de surgimento e existência, a ATOESP representou uma iniciativa pioneira no cenário futebolístico nacional, ao propor um código de conduta para as torcidas organizadas e congregá-las em busca de debates com outros atores do futebol e com mudanças que protegessem os interesses da entidade, dos torcedores organizados, dos aficionados de clubes e dos frequentadores de estádios em geral.

Sua criação chegou a estimular o surgimento de entidades congêneres, como a ASTORJ – Associação de Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro –, fundada no ano de 1981, sob o lema de “Congregar, Congraçar, Unir”.

A percepção de uma agenda “em comum” – em sentido thompsoniano – na ATOESP dos anos 1970 e 1980 atrelava os participantes das diferentes torcidas organizadas. A iniciativa era vista como uma forma de combate às crescentes hostilidades entre as torcidas da mesma cidade e do mesmo estado, e, sobretudo, um canal privilegiado de manifestação e até mesmo de representação social dos torcedores junto às autoridades.

Por uma história do associativismo torcedor nos anos 1970: dinâmicas de rivalidade, amizade e emulação na formação da ATOESP – Associação das Torcidas Organizadas do Estado de São Paulo
Bernardo Borges Buarque de Hollanda, Vitor dos Santos Canale

A entidade teve um fim silencioso em sua primeira fase, que compreendeu os anos 1970 e o início dos anos 1980. Ao menos no âmbito da repercussão pública, observam-se notícias cada vez mais escassas a seu respeito ao longo da década de 1980, em detrimento de informações cada vez mais focadas na violência grupal e na premeditação dos confrontos entre seus atores. Em 1985, após sua dissolução, fruto também de uma transição geracional das lideranças, é criado o Movimento das Torcidas Organizadas (MTO), sob influência de Dentinho, então presidente dos Gaviões da Fiel.

No ano de 1995, dá-se a política de proibições das torcidas organizadas, estabelecida pelo Ministério Público, na figura do promotor Fernando Capez, em decorrência dos incidentes fatais da chamada “batalha campal do Pacaembu” (Toledo, 1994). O conflito entre torcidas organizadas do Palmeiras e do São Paulo sucede ao final da partida decisiva da Super Copa São Paulo de Futebol Junior, entre esses dois times.

Nesse contexto proibitivo, a ATOESP é recriada e volta à ativa, sob direção de Cláudio Faria Romero, fundador e presidente da Camisa 12, e Cosme Freitas, da Torcida Jovem do Santos, antigas lideranças da primeira fase da entidade. Apesar de termos encontrado fontes primárias sob esse período, com cartas e manifestos, a duração da entidade nessa segunda fase, no entanto, é efêmera, com quase nenhum reconhecimento da imprensa e das autoridades, e com a visível dificuldade de conter atos beligerante nas bases e nos núcleos de torcedores organizados, que se multiplicam exponencialmente durante a década de 1990.

Dos anos 2000 em diante, pode-se observar o recrudescimento de etos associativo e de entidades representativas dos torcedores, já no cenário nacional de promulgação do Estatuto do Torcedor e da realização dos megaeventos esportivos no Brasil, como a Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas Rio 2016.

A conversão de estádios em arenas multiuso para o Mundial e a tendência à “elitização” dos espaços futebolísticos impelem o surgimento de novas associações de torcedores como a FTORJ (Federação de Torcidas do Rio de Janeiro), a CONATORG (Conselho Nacional de Torcidas Organizadas) e, atualmente, a ANATORG (Associação de Torcidas Organizadas do Brasil). A

Por uma história do associativismo torcedor nos anos 1970: dinâmicas de rivalidade, amizade e emulação na formação da ATOESP – Associação das Torcidas Organizadas do Estado de São Paulo
Bernardo Borges Buarque de Hollanda, Vitor dos Santos Canale

experiência de cada uma delas mostra que o papel pioneiro, as lições e os limites legados pela ATOESP ainda fazem parte da dinâmica e têm muito a ensinar acerca das contradições do universo social do torcedor e das torcidas de futebol no país.

Referências

ALBERTI, VERENA. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ALMEIDA, Maria Hermínia Tavares de. “Carro-zero e pau-de-arara: o cotidiano da oposição de classe média ao regime militar”. In: SCHWARCZ, Lilia (Org.) **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, vol. 4.

CAPELATO, Maria Helena; PRADO, Maria Lygia. **O bravo matutino: imprensa e ideologia no jornal *O Estado de São Paulo***. São Paulo: Alfa-Ômega, 1980.

CÉSAR, Benedito Tadeu. **Os Gaviões da Fiel e a águia do capitalismo: ou o duelo**. Campinas. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social da Unicamp, 1981.

COUTO, Euclides de Freitas. **Da ditadura à ditadura: uma história política do futebol brasileiro (1930-1978)**. Niterói: EDUFF, 2014.

DUTRA, Heloísio. Depoimento [jun.2012]. Entrevistador: Vitor Canale. São Paulo, 2012. 1 arquivo digital de 4 horas, material transcrito.

FICO, Carlos. **Além do golpe: versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

FLORENZANO, José Paulo. “A babel do futebol: atletas intelectuais e torcedores ultras”. In: **Revista de História**. São Paulo. n. 163. P.149-174. Julho/Dezembro 2010.

FLORENZANO, José Paulo. A república dos torcedores. In: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque; FLORENZANO, José Paulo. **Territórios do torcer – Depoimentos de lideranças das torcidas organizadas de futebol**. São Paulo: Educ, 2019.

FREITAS ASSIS, Cosme Damião. Depoimento. Projeto “Territórios do Torcer”. Entrevistador: Bernardo Buarque, Museu do Futebol. São Paulo, 2011, arquivo digital de 3 horas, material transcrito.

GONÇALVES, Livia Magalhães. **Com a taça nas mãos: sociedade, Copa do Mundo e ditadura no Brasil e na Argentina**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

Por uma história do associativismo torcedor nos anos 1970: dinâmicas de rivalidade, amizade e emulação na formação da ATOESP – Associação das Torcidas Organizadas do Estado de São Paulo
Bernardo Borges Buarque de Hollanda, Vitor dos Santos Canale

GONDIM, Nailson. **Futebol condena agressões da Polícia Militar**. São Paulo, 18/08/1981, p. 26.

GONDIM, Nailson. **São-paulinos acusam e a torcida apanha**. São Paulo, 12/05/1980, p. 18.

GONDIM, Nailson. **Torcidas não divulgam os resultados da assembleia**. São Paulo, 14/10/1979, p. 40.

GONDIM, Nailson. **Corinthians vence na volta sem festa**. São Paulo, 24/10/1977, p. 12.

GONDIM, Nailson. **ERASMO pune policiais que agrirem a torcida**. São Paulo, 25/10/1977, p. 24.

GONDIM, Nailson. **FIEL, mas não tanto**. São Paulo, 25/10/1977, p. 24.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque. **O clube como vontade e representação: jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro. Editora 7 Letras. 2009.

Jornal do Guarani. **Torcidas unidas formam os Guerreiros da Tribo**. n. 6, nov.-dez. 1976, p. 4.

Jornal O Estado de São Paulo. **Torcidas apontam o caminho contra a violência**. São Paulo, 07/09/1977, p. 23.

Jornal O Estado de São Paulo. **Dirigentes erram, público paga**. São Paulo, 05/04/1973, p. 34.

Jornal O Estado de São Paulo. **Festa**. São Paulo, 28/06/1977, p. 31.

Jornal O Estado de São Paulo. **Jogos podem ser boicotados**. São Paulo, 18/08/1981, p. 24.

Jornal O Estado de São Paulo. **Santos também faz protesto**. São Paulo, 18/08/1981, p. 24.

Jornal O Estado de São Paulo. **Secretário promete punição aos policiais**. São Paulo, 18/08/1981, p. 24.

LA SELVA, Wanda. **O escudeiro de São Jorge** – Flávio La Selva e a Gaviões da Fiel. São Paulo: Observador Legal, 2020.

LUCCA, Tânia Regina de. “História nos, dos e por meios dos periódicos”. In: **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

MENDES, A. “Linha de ataque – Camisa 12”. São Paulo, 05/08/1970, p.15.

Por uma história do associativismo torcedor nos anos 1970: dinâmicas de rivalidade, amizade e emulação na formação da ATOESP – Associação das Torcidas Organizadas do Estado de São Paulo
Bernardo Borges Buarque de Hollanda, Vitor dos Santos Canale

MOTA, Carlos Guilherme; CAPELATO, Maria Helena. **História da Folha de S. Paulo (1921-1981)**. São Paulo: Impress, 1981.

NAPOLITANO, Marcos. “Recordar é vencer: as dinâmicas e vicissitudes da construção da memória sobre o regime militar brasileiro”. In: **Revista Antíteses**. Vol. 8, n. 5, nov. 2015, p. 09-44.

NARCISO, James. “A torcida reclama; a polícia explica”. São Paulo, 03/08/1975, p. 16.

NARCISO, James. “Corinthians vence na volta sem festa”. São Paulo, 24/10/1977, p. 12.

NARCISO, James. “Estádio vazio, a única solução”. São Paulo, 04/10/1979, p. 34.

NARCISO, James. “Gaviões querem a unanimidade”. São Paulo, 04/10/1979, p.34.

NARCISO, James. “Jogo não acaba e a Vila pode ser interditada”. São Paulo, 04/10/1979 p. 34.

NARCISO, James. APOIO ao time só na decisão. São Paulo, 04/10/1979, p. 34.

NARCISO, James. TUP começou sua campanha. São Paulo, 04/10/1979, p. 34.

PAMPLONA, Marco Antônio. “A historiografia sobre o protesto popular: uma contribuição para o estudo das revoltas urbanas”. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996, n.º 17.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania: uma história social do Rio de Janeiro (1902-1938)**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

QUADRAT, Samantha Viz (Org.). **História e memória das ditaduras do século XX**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015.

REIS, Daniel Aarão. **Ditadura, esquerdas e sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

Revista Placar. “Calendário ou greve”. São Paulo: Editora Abril, 1979, p. 48, n. 495.

Revista Placar. “O futebol bota o bloco na rua”. São Paulo, 23/02/1979, n.461. p.13

Revista Placar. “Portuguesa X Santos – um caso de polícia”. São Paulo, 21/08/1981, n.588, p. 6.

SKIDMORE, Thomas. **Brasil, de Castelo a Tancredo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

SOUZA, Denaldo Alchorne de. **Pra frente, Brasil!**. São Paulo: Editora Intrínseca/Fapesp, 2018.

Por uma história do associativismo torcedor nos anos 1970: dinâmicas de rivalidade, amizade e emulação na formação da ATOESP – Associação das Torcidas Organizadas do Estado de São Paulo
Bernardo Borges Buarque de Hollanda, Vitor dos Santos Canale

TEIXEIRA, Alfredo. “A torcida já pensa em fazer boicote”. São Paulo, 04/10/1979, p. 34.

THOMPSON, E. P. **A formação da classe trabalhadora na Inglaterra**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981, vol. 1.

THOMPSON, E. P. “A economia moral da multidão”. In: **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TOLEDO, Luiz Henrique. “Identidades e conflitos em campo: a guerra do Pacaembu”. In: **Revista USP**. São Paulo, 1996, n..

TOLEDO, Luiz Henrique. **Lógicas no futebol**. Editora Hucitec/Fapesp. São Paulo. 2002.

TOLEDO, Luiz Henrique. **Torcidas organizadas de futebol**. Campinas. Autores Associados. 1996.